

ultimato

BUSQUEM O SENHOR ENQUANTO É POSSÍVEL ACHÁ-LO

JANEIRO-FEVEREIRO 2013 • ANO XLVI • Nº 340



o ESPÍRITO SANTO *em movimento*

ARIOVALDO RAMOS
PERGUNTE AO ARI
O EVANGELHO ESTÁ
EM DECADÊNCIA NA
AMÉRICA LATINA?

BRÁULIA RIBEIRO
DA LINHA DE FRENTE
JUSTIÇA, UMA VIRTUDE
HORIZONTAL

RICARDO BARBOSA
O CAMINHO DO CORAÇÃO
A SIMPLICIDADE DO
EVANGELHO E A
SOFISTICAÇÃO DA IGREJA

A vibrant image of the Aurora Borealis (Northern Lights) in shades of green and blue against a dark night sky. The lights appear to be dancing over a snowy landscape with some trees visible in the distance.

ESPÍRITO SANTO

em movimento

Dave Dyet

Espiritualidade é a conexão do espírito do homem com o Espírito de Deus

Naturalmente, o maior advento relacionado com a pessoa do Espírito Santo é o Pentecostes. Porém, não é o único. Restringir o Espírito de Deus ao Novo Testamento é uma injustiça. O Espírito aparece pela primeira vez no primeiro capítulo do primeiro livro da Bíblia e pela última vez no último capítulo do último livro. Sua presença e atuação em toda a história são desde a criação dos céus e da terra até a criação dos novos céus e da nova terra. É importante que se saiba disso com certeza e com proveito.

É correto afirmar que o Espírito é o executivo da Trindade e o propósito dele é glorificar a Cristo e vencer o adversário. H. E. Alexander diz que “existe um sofrimento, uma tristeza, um ciúme do Espírito Santo diante da incoerência e infidelidade dos cristãos”. Eugene Peterson afirma: “Deus concede o Espírito sem medida. Ele não o dá como uma esmola. Há imensidade no ato, extravagância – mas nunca terei a dimensão dessa imagem se estiver medindo a coisa a partir de minha perspectiva”. É, então, o caso de se perguntar: o que aconteceria se os crentes ficassem cheios do Espírito?

O capuchinho Frei Aldir Crocoli define espiritualidade como “o modo de vida de uma pessoa onde o Espírito está presente, atua, comunica, inspira e determina. Espiritualidade é o resultado da presença transformadora do Espírito. É a sintonia ou conexão do espírito da pessoa com o Espírito de Deus”. Façamos essa conexão!

Ilustrações das páginas 21 a 30: Cristina Balit (Bíblia para Crianças, Editora Sinodal).

O Espírito Santo em movimento no drama da criação e na história do êxodo

O Espírito de Deus na criação

O Evangelho segundo João deixa claro que Jesus participou da criação: “Todas as coisas foram feitas por intermédio dele; sem ele, nada do que existe teria sido feito” (Jo 1.3). Pouco adiante, o autor insiste: “Aquele que é a Palavra [ou o Verbo] estava no mundo, e o mundo foi feito por intermédio dele” (Jo 1.10). O mesmo se pode dizer do Espírito Santo.

A primeira referência à terceira pessoa da Trindade aparece no início do primeiro livro das Escrituras: “A terra era um vazio, sem nenhum ser vivente, e estava coberta por um mar profundo. A escuridão cobria o mar, e o Espírito de Deus se movia por cima da água” (Gn 1.2). O sujeito do verbo “mover” é o Espírito de Deus, como está no original hebraico e em todas as versões e paráfrases protestantes e em algumas versões católicas (como a Bíblia Ave Maria e a tradução da CNBB). Outras trocam a palavra Espírito por “vento tempestuoso” (EP), “sopro” (TEB, BJ), “alento” (BP) ou “espírito”, com inicial minúscula (BH).

Quando se refere à criação do ser humano, o autor de Gênesis diz: “Agora vamos fazer os seres humanos, que serão como nós, que se parecerão conosco” (Gn 1.26). Esse plural pode indicar a presença não só de Deus (o Pai), mas também de Jesus (o Filho) e do Espírito Santo. Nesse caso, seria a primeira referência bíblica à Trindade, uma pluralidade dentro da unidade divina, que só mais tarde apareceria com maior clareza e insistência.

O Espírito Santo na construção do tabernáculo

Na mesma época (a caminhada de Israel do Egito a Canaã, por volta de 1.400 antes de Cristo) e no mesmo lugar (deserto do Sinai), além de receber das mãos de Deus os Dez Mandamentos, o povo de Israel começou a construir um templo móvel, chamado de tabernáculo. A obra exigia material de construção variado, que incluía madeira de acácia, metais preciosos, tecidos de diferentes cores, panos feitos de pelos de cabra e de outros animais. Tudo deveria ser muito bem feito para honra e glória de Deus, porque o tabernáculo seria o lugar onde o povo poderia focalizar a presença do Senhor, de lugar em lugar, até a construção do templo de Salomão.

O arquiteto-mor de toda aquela obra seria um homem chamado Bezaleel, nome que significa “na sombra de Deus”. Deus deu a ele “inteligência, competência e habilidade para fazer todo tipo de trabalho artístico; para fazer desenhos e trabalhar em ouro, prata e bronze; para lapidar e montar pedras preciosas; para entalhar madeira; e para fazer todo tipo de artesanato” (Êx 31.3-5). O mais expressivo é que Deus lhe deu não apenas esses numerosos dons artísticos, mas, antes de tudo, o encheu com o seu Espírito (Êx 31.3). Esse dom é maior do que todos os outros. É a primeira referência bíblica à plenitude do Espírito.

O Espírito Santo no deserto

Pouco depois do reinício da viagem, a partir do monte Sinai, Moisés teve uma crise de cansaço e desânimo. Chegou a fazer um desabafo longo e sentido diante de Deus: “Por que me tens tratado tão mal? Por que estás aborrecido comigo? Por que me deste um trabalho tão pesado de dirigir todo este povo? Eu não fiz este povo, nem dei à luz esta gente! Por que me pedes que faça como uma babá e os carregue no colo como criancinhas para a terra que juraste dar aos seus antepassados? Onde poderia eu conseguir carne para dar a todo este povo? Eles vêm chorar perto de mim e dizem que querem comer carne. Eu sozinho não posso cuidar de todo este povo; isso é demais para mim! Se vais me tratar desse jeito, tem pena de mim e mata-me! Se gostas de mim, não deixes que eu continue sofrendo deste jeito!” (Nm 11.11-15).

Curioso é que aqui é Moisés quem confessa: “Eu sozinho não posso cuidar de todo este povo”. Muitos anos depois, é Jesus quem tenta convencer os discípulos dessa impossibilidade: “Sem mim vocês não podem fazer nada” (Jo 15.5). É muito melhor admitir de modo próprio o tamanho enorme da responsabilidade e o tamanho pequeno dos recursos próprios do que tomar conhecimento dessas realidades por meio de outras pessoas. Moisés faz exatamente isso. E Paulo também, quando grita: “Que situação terrível, esta em que me encontro! Quem é que me livrará deste corpo que me leva à morte?” (Rm 7.24, NBV).

Em resposta ao “eu não aguento mais” de Moisés, Deus o mandou reunir setenta homens que tivessem o dom de liderança “dentro os mais respeitados do povo de Israel”. O que Deus faria em seguida é surpreendente: “Tirarei um pouco do Espírito que está sobre você e porei sobre eles. Dessa forma, receberão capacidade para assumir parte do fardo desse povo. Você não terá que carregar tudo sozinho” (Nm 11.17, AM).

Dessa passagem se depreende facilmente que Moisés era revestido do Espírito Santo e que os setenta auxiliares, a partir daquele episódio, também o seriam. Mesmo já sendo uma elite no meio do povo, eles precisavam do Espírito para terem a necessária capacidade no desempenho de suas novas responsabilidades.

Na despedida realizada no Cenáculo de Jerusalém, Jesus promete aos discípulos enviar-lhes outro Auxiliador, o Espírito Santo, o mesmo que havia ajudando Moisés e os setenta, mais de 1.200 anos antes.

Nota
Sobre as versões da Bíblia citadas, ver pág. 7.





O Espírito Santo em movimento no tempo dos juízes, dos reis, dos poetas e dos profetas de Israel

Dos juízes

Depois de longos quarenta anos de peregrinação, proteção e sobrevivência, o povo eleito chega a Canaã e toma posse da terra. Da morte de Moisés e de Josué até a instalação da monarquia, “não havia rei em Israel, e cada um fazia o que bem queria” (Jz 21.25). De vez em quando, surgia aqui e ali, nesta e naquela tribo, uma pessoa de destaque que era mais um líder militar do que um líder religioso. Apesar de suas imperfeições e apesar do período acentuadamente caótico em que viveram, esses homens tinham a assistência do Espírito Santo, cujo nome aparece oito vezes no livro de Juízes.

A história sagrada registra que certo homem, chamado Otoniel, provavelmente sobrinho de Calebe, “foi guiado pelo Espírito de Deus, o Senhor, e se tornou o líder de Israel” (Jz 3.10). Diz também que o mesmo Espírito dominou Gideão, um trabalhador rural, que se dizia “a pessoa menos importante” da família “mais pobre da tribo de Manassés” (Jz 6.15, 34) para que ele, com apenas trezentos homens, derrotasse os midianitas (Jz 7.7). O mesmo aconteceu com Jefté (Jz 11.29).

- Sansão é o juiz de Israel que teve vida mais turbulenta. Era um rapazinho quando “o Espírito Santo começou a agir nele” (Jz 13.25). Três vezes se diz que o Espírito “tomou posse de Sansão” ou “fez com que Sansão ficasse forte” (Jz 14.6, 19; 15.14).

O Espírito Santo é soberano. Pelo menos no período dos juízes (1380–1050 a.C.), ele se apoderava de quem deveria se apoderar, guiava quem ele deveria guiar e enchia de força quem ele deveria encher.

Dos reis

O Espírito Santo é o executivo que manda e desmanda na história da monarquia de Israel. Ele se apossa de Saul (1Sm 10.6, 10; 11.6; 19.23), de Davi (1Sm 16.13), dos homens que Saul mandou prender Davi (1Sm 19.20), do oficial do exército Amasai (1Cr 12.18), de Azarias (2Cr 15.1) e de Zacarias (2Cr 24.20). O Espírito sai de um para falar a outro (1Rs 22.24). O Espírito não era uma pessoa desconhecida. Prova-o que Obadias, o fiel adorador do Senhor, admitiu que o Espírito do Senhor, por ser soberano, poderia levar o profeta Elias para qualquer lugar e em qualquer momento (1Rs 18.12).

Dos poetas

Jó é capaz de declarar: “Foi o Espírito de Deus que me fez e é o sopro do Todo-poderoso que me dá vida” (Jó 33.4), confirmando o que transparece na história da criação (Gn 1.26). Davi era familiarizado com o Espírito Santo: “Aonde posso ir a fim de escapar do teu Espírito?” (Sl 139.7); “Que o teu Espírito seja bom para mim” (Sl 143.10). O mais interessante é que Davi se sentia habitado pelo Espírito, quando, após o adultério e a confissão, pede a Deus: “Não me expulses da tua presença *nem* tires de mim o teu Espírito” (Sl 51.11). A questão de que o cristão é templo do Espírito Santo é explícita só no Novo Testamento.

Dos profetas

É Pedro quem diz que os profetas da antiga aliança “falavam às vezes sem compreender pelo Espírito Santo, mandado do céu” (1Pe 1.11-12).



O Espírito Santo em movimento nos Evangelhos Sinóticos

Na Segunda Epístola, o apóstolo é mais incisivo: “Nenhuma mensagem profética veio da vontade humana, mas as pessoas eram guiadas pelo Espírito Santo quando anunciavam a mensagem que vinha de Deus” (2Pe 1.21). Davi em seu tempo já admitia isso: “O Espírito do Senhor fala por meio de mim, e a sua mensagem está nos meus lábios” (2Sm 23.2). Neemias dizia a mesma coisa: “Pelo teu Espírito, por meio dos profetas, falaste contra eles, mas o teu povo ficou surdo” (Ne 9.30). Na travessia do deserto, era o bom Espírito, dado por Deus, que ensinava os israelitas o que deviam fazer (Ne 9.20).

O testemunho de Ezequiel sobre a sua experiência com o Espírito é impressionante: “Enquanto a voz falava, o Espírito de Deus entrou em mim e me fez ficar de pé” (Ez 2.2); “O Espírito de Deus me levou para o alto” (Ez 3.12); “Aí o poder do Senhor me dominou e o seu Espírito me levou dali” (Ez 3.14); “Aí o Espírito do Senhor me dominou e o Senhor me mandou dar essa mensagem ao povo” (Ez 11.5). Miqueias tem a mesma experiência: “Quanto a mim, o Espírito do Senhor me dá poder, amor pela justiça e coragem para condenar os pecados e as maldades do povo de Israel” (Mq 3.8).

Naturalmente, foi o Espírito Santo quem colocou na boca dos profetas a promessa de algum derramamento do Espírito para o futuro próximo e o futuro mais distante (Is 32.15; 44.3; Ez 36.27; Jl 2.28-29).

O Espírito Santo está muito mais presente no Antigo Testamento do que pensávamos!

Uma noiva revestida do Espírito Santo

Maria não contestou o anjo Gabriel. Fez apenas uma observação bastante razoável. Quando ficou sabendo que, antes do casamento com José, ficaria grávida e daria à luz uma criança, ela disse: “Isso não é possível, pois eu sou virgem!” (Lc 1.34). A jovem ainda não sabia da interferência do Espírito Santo, que Gabriel anunciou por último: “O Espírito Santo virá sobre você e o poder do Deus Altíssimo a envolverá com a sua sombra” (Lc 1.35). A noiva de Nazaré deu o assunto por encerrado: “Agora tudo está claro: sou serva do Senhor, quero fazer a sua vontade. Que aconteça comigo conforme todas estas palavras” (Lc 1.38).

Uma criança cheia do Espírito Santo mesmo antes de nascer

O anjo do Senhor que apareceu ao sacerdote Zacarias, quando ele estava oficiando do lado direito do altar no templo de Jerusalém, lhe disse não apenas que ele e a esposa, Isabel, apesar da idade avançada, se tornariam pais, mas que o menino seria cheio do Espírito Santo desde antes de seu nascimento e levaria muitos israelitas ao Senhor, o Deus de Israel (Lc 1.15-16).

Se João Batista era cheio do Espírito Santo antes mesmo de nascer, como não continuaria cheio quando foi para o deserto da Judeia e começou a pregar (Mt 3.1)? Sem a autoridade dada pelo Espírito, o precursor de Jesus jamais seria capaz de conchamar o povo ao arrependimento de modo tão direto e veemente como fez.

O Espírito Santo em movimento no Evangelho de João

Um casal de idosos cheio do Espírito Santo

Quando as duas crianças ainda em gestação se “encontraram” na casa de Zacarias, na região montanhosa da Judeia, e quando Isabel, a mãe mais idosa, ouviu a saudação de Maria, a mais jovem, o bebê se mexeu em sua barriga, e a mulher de Zacarias ficou “cheia do poder do Espírito Santo” (Lc 1.41).

Oito dias depois do nascimento de João Batista, no dia de sua circuncisão, quando todos davam palpites sobre o nome do menino, Zacarias disse que o nome dele seria João Batista e pôs-se a louvar a Deus. Nesse momento, “o pai de João, cheio do Espírito Santo, começou a profetizar” (Lc 1.67).

Uma alma bondosa que tinha a companhia do Espírito Santo e era por ele impulsionada

Certo homem especial, provavelmente idoso, bom e piedoso, bem por dentro das profecias messiânicas, chamado Simeão — que quer dizer: “Deus ouve” —, esperava muito ver Jesus antes de partir deste mundo. Era tão apegado à promessa messiânica que o Espírito Santo, que estava com ele, lhe prometeu que, “antes de morrer, ele iria ver o Messias enviado pelo Senhor”. De fato, exatamente no momento em que Jesus estava sendo circuncidado em Jerusalém, o Espírito Santo impulsionou Simeão a ir ao templo, onde ele viu o menino, tomou-o nos braços e louvou a Deus por ele. O cântico que ele entoou é de extraordinária beleza. Ao afirmar que a salvação por meio daquela criança se destina a todos os povos e não exclusivamente aos judeus, percebe-se que, missiologicamente, Simeão estava muito à frente até mesmo dos apóstolos (Lc 2.22-32).

Um Salvador cheio do Espírito Santo

A presença do Espírito Santo no ministério de Jesus não é tão conhecida como deveria ser. “No momento em que estava saindo da água [do rio Jordão], Jesus viu o céu se abrir e o Espírito de Deus desceu como uma pomba sobre ele” (Mc 1.10). Imediatamente depois, “Jesus, cheio do Espírito Santo, voltou ao rio Jordão e foi levado pelo Espírito ao deserto”, sendo ali “tentado pelo Diabo durante quarenta dias” (Lc 4.1-2).

Estando o poder do Espírito Santo com Jesus, ele deixou a Judeia e foi para Nazaré da Galiléia (Lc 4.14). Ao dar início ao seu ministério na sinagoga de Nazaré, Jesus abriu as Escrituras Sagradas e leu a profecia de Isaías: “O Senhor me deu o seu Espírito para ir anunciar que chegou o tempo em que o Senhor salvará o seu povo” (Is 61.1-2; Lc 4.17-21). O Evangelho registra também que “Jesus ficou cheio da alegria do Espírito Santo” quando os setenta discípulos voltaram de uma curta viagem missionária e deram o seu relatório (Lc 10.21).

O cenáculo do Espírito Santo

Alguém cedeu uma sala espaçosa, mobiliada e arrumada no andar de cima de uma casa em Jerusalém para Jesus celebrar a Páscoa com os discípulos (Lc 22.7-13). Talvez seja a mesma sala onde os primeiros cristãos se reuniam para orar (At 1.13-14). Nesse caso, seria a casa de Maria mãe de João Marcos (At 12.12). A solenidade, celebrada na intimidade, aconteceu no dia 14 de nisã (mês correspondente ao final de abril e início de maio) do ano 30, na parte da tarde e até certa hora da noite, de quinta para sexta-feira. Era uma reunião de celebração e de despedida, pois no dia seguinte, por volta das três horas da tarde, Jesus iria derramar a sua “alma na morte” e seria “cortado da terra dos viventes”, como o profeta Isaías havia escrito setecentos anos antes (Is 53.1-2). O que ali se desenrolou ocupa um quarto do Evangelho de João (cinco capítulos). Durante o programa, Jesus menciona oito vezes a pessoa do Espírito Santo.



Os nomes do Espírito Santo

O Espírito Santo é chamado de Espírito Santo (uma vez), Espírito da Verdade (três vezes) e Consolador (quatro vezes). A palavra grega que Jesus mais usou para referir-se ao Espírito é *parakletos*, isto é, o Espírito é uma pessoa para estar ao lado de outra pessoa a fim de auxiliá-la com sua influência e poder. Os tradutores da Bíblia fazem um grande esforço para encontrar a palavra mais próxima e apropriada. Daí a multiplicidade de versões: Advogado, Ajudador, Amigo, Assistente, Auxiliador, Conselheiro, Consolador, Defensor, Encorajador, Intercessor, Sustentador e Velador. Algumas traduções preferem usar a palavra original Paracleto. Para W. Hendriksen, a melhor tradução é Auxiliador, aquele que pode oferecer “qualquer ajuda que for necessária”. Paulo diz que o Espírito “nos assiste em nossas fraquezas” e chega a interceder por nós sobremaneira, “com gemidos inexprimíveis” (Rm 8.26).

O natal do Espírito Santo

Todos os verbos que Jesus usa no Cenáculo para descrever a atividade mais ampla e mais intensa do Espírito Santo estão no tempo futuro: anunciará, convencerá, ensinará, glorificará, guiará, lembrará, virá etc. Jesus está confirmando a profecia de Joel: “E acontecerá que derramarei o meu Espírito sobre toda carne” (Jl 2.28). Jesus está prometendo o “natal” do Espírito Santo para muito breve. Aconteceria depois de sua ressurreição e de sua ascensão: “Eu rogarei ao Pai e ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja sempre convosco” (Jo 14.16). O Espírito Santo seria derramado de modo especial e inauguraria o seu pleno ministério cinquenta dias depois, no dia do Pentecostes (At 2.1-4).

O “lembrador” de Jesus

Por ser a pedra principal que sustenta todo o edifício, por ser aquele que resolveu para nós, de forma justa e perfeita, o problema do pecado, por ser aquele que proclamou no inferno, no céu e no mundo que o Diabo fora vencido na cruz — Jesus não pode ser esquecido. Uma das providências tomadas pelo próprio Jesus para se fazer lembrado no longo período entre sua morte e sua volta foi a instituição da Santa Ceia e o seu significado: “Façam isto em memória de mim” (1Co 11.24-25). A outra providência compete ao Espírito Santo: ele nos faz lembrar das palavras de Jesus (Jo 14.26), testemunha para nós a respeito de Jesus (Jo 15.26) e mostrará a nós a glória de Jesus (Jo 16.14). O Espírito Santo é o eterno “lembrador” de Jesus Cristo.

O convencedor do pecador

Sem a atuação do Espírito Santo a evangelização não dá resultado. Sem o ministério do Espírito não há convicção de pecado, não há arrependimento, não há perdão de pecado, não há salvação. É o Espírito que convence o mundo “do pecado, da justiça e do juízo” (Jo 16.8). Quem tira o pecado do mundo é Jesus (Jo 1.29), mas quem tira o pecador da ignorância, do cinismo, da inércia, da indiferença, da cegueira, da cerviz dura, da insensibilidade, da incapacidade, da indisposição é o Espírito Santo. O pregador do evangelho precisa ter aquela consciência que Jesus teve ao iniciar o seu ministério: “O Espírito do Soberano, o Senhor, está sobre mim, porque o Senhor me ungiu para levar as boas notícias de salvação aos pobres” (Lc 4.18).



O Espírito Santo em movimento nos Atos dos Apóstolos



A promessa

Em dois lugares diferentes e em duas ocasiões diferentes, Jesus se referiu abertamente à descida do Espírito Santo. A primeira ocorrência foi no Cenáculo de Jerusalém, na véspera de sua morte (Jo 14.16; 15.26; 16.7 e 16.13). A segunda, no povoado de Betânia, perto de Jerusalém, quarenta dias após a ressurreição e no dia de sua ascensão (At 1.8).

Cerca de novecentos anos antes, porém, por boca do desconhecido profeta Joel, Deus havia prometido: “[...] vou derramar meu Espírito sobre todo tipo de gente — Seus filhos vão profetizar e também suas filhas. Seus jovens terão visões e seus velhos terão sonhos. Vou derramar meu Espírito até sobre os escravos, tanto homens quanto mulheres” (Jl 2.28-29). Quando a promessa se cumpriu, logo veio à mente de Pedro essa passagem das Escrituras, que ele conhecia de cor, e a citou em seu discurso (At 2.16-21).

João Batista também mencionou o evento do Pentecostes: “Eu os batizo com água para mostrar que vocês se arrependeram dos seus pecados, mas aquele que virá depois de mim os batizará com o Espírito Santo e fogo” (Mt 3.11). E o próprio Jesus, além daquelas promessas proferidas no Cenáculo, fez uma curta referência à futura provisão do Espírito: “Porque naquela hora o Espírito Santo lhes ensinará o que devem dizer” (Lc 12.12).

A espera

A descida do Espírito dependia da ascensão de Jesus, como ele declarou: “Eu falo a verdade quando digo que é melhor para vocês que eu vá. Pois, se não for, o Auxiliador não virá; mas, se eu for, eu o enviarei a vocês” (Jo 16.7). Porém, o Espírito Santo não veio na tarde nem no dia seguinte a sua ascensão. Jesus prometeu a vinda do Espírito, mas não forneceu nem o dia nem a hora desse evento próximo, pois não caberia a eles “saber a ocasião ou o dia que o Pai marcou com a sua própria autoridade” (At 1.7).

Jesus deu uns dias de folga para os discípulos. A ordem de se espalhar e de ir por todo o mundo pregar o evangelho deveria ficar suspensa até o cumprimento da promessa: “[...] fiquem em Jerusalém e esperem até que o Pai lhes dê o que prometeu, conforme eu disse a vocês” (At 1.4). A espera durou dez dias. Curioso é que a maior parte dos discípulos morava em outras cidades, especialmente na Galileia. Nesse período, eles ficaram hospedados, quem sabe, na mesma sala ampla, mobiliada e arrumada onde se reuniram com Jesus antes de sua morte (At 1.12-13). O tempo foi ocupado com reuniões de oração e a escolha de Matias para assentar-se na cadeira vaga de Judas, o traidor.

O surto

A história está cheia de “de repente”. De repente, os sabeus atacaram os servos de Jó e levaram todo o seu gado; de repente, veio um vento do deserto e derrubou a casa onde estavam os dez filhos de Jó; de repente, chegou o dia da desgraça; de repente, o muro desmoronou e caiu no chão; de repente, apareceu a mão de um homem e escreveu umas palavras na parede branca da sala do banquete de Belsazar; de repente, a terra começou a tremer. **A descida do Espírito Santo aconteceu de repente ou inesperadamente. O evento era esperado, mas o dia e a hora eram desconhecidos.** Aconteceu no quinquagésimo dia depois do Sábado de Aleluia, em dia de festa (Festa das Semanas) e em dia de domingo, antes das nove horas da manhã. Naquele momento, “todos os seguidores de Jesus [provavelmente os 120 mencionados no capítulo

anterior] estavam reunidos no mesmo lugar [talvez num recinto qualquer do templo]” (At 2.1).

O surto, ou o impulso inicial provocado pela descida do Espírito Santo foi algo público — em contraste com o nascimento de Jesus —, notório, marcante, inesquecível e tremendo. Houve sinais audíveis — “o barulho de um vento soprando muito forte” que enchia o recinto — e visíveis — coisas parecidas com chamas que se espalhavam como línguas de fogo. Houve também alguns fenômenos. De posse do poder e da soberania do Espírito Santo, os discípulos começaram a falar em outras línguas as grandezas de Deus. Era uma formidável mistura de louvor e testemunho. Cada um dos imigrantes de diversas procedências como Palestina, Oriente Próximo, Norte da África, Sul da Europa e ilhas do Mediterrâneo, que moravam em Jerusalém, ouvia, em sua própria língua, o que os discípulos falavam. Muitos desses estrangeiros e nativos já tinham visto fenômenos extraordinários apenas cinquenta dias antes, no dia da crucificação de Jesus, como as três horas de escuridão em pleno dia e o tremor de terra. Os mais religiosos tinham conhecimento também daquele estranho e discreto fenômeno do rompimento do véu do templo exatamente após a morte de Jesus.

O fato é que todos em Jerusalém, estupefatos, não conseguiram entender o que estava acontecendo. Com a explicação do fenômeno e a pregação sobre a morte e a ressurreição de Jesus dadas por Pedro, quase 3 mil pessoas acreditaram na mensagem anunciada, foram batizadas e se juntaram ao grupo dos seguidores de Jesus (At 2.41).

O comandante

Jesus fez uma clara ligação da pessoa do Espírito Santo com a Grande Comissão: “Porém, quando o Espírito Santo descer sobre vocês, vocês receberão poder e serão minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria e até nos lugares mais distantes da terra” (At 1.8). Essa associação é transparente em todo o livro de Atos, o primeiro volume da história de missões. Tão transparente que há quem sugira que o livro deveria se chamar “Atos do Espírito Santo”.

É o Espírito Santo quem comanda o trabalho. Vê-se isso claramente no ministério de Filipe e de Paulo. O Espírito ordenou a Filipe que se aproximasse daquela carruagem que levava o tesoureiro e o administrador das finanças da rainha da Etiópia. Graças a essa orientação, o homem se converteu, foi batizado e introduziu o evangelho na Etiópia (At 8.29-38). Foi o Espírito quem levou Filipe daquela estrada deserta para evangelizar as cidades entre Azoto e Cesareia (At 8.39-40).

Foi o Espírito quem interrompeu a reunião de oração daqueles cinco líderes da igreja de Antioquia e tirou dois dentre eles — Barnabé e Saulo — para o trabalho missionário (At 13.2). Graças a essa intervenção do Espírito, os dois amigos iniciaram sua primeira viagem missionária. Mesmo mais tarde separados, Barnabé e Paulo continuaram a viagem para pregar o evangelho, com itinerários diferentes.

Em outra ocasião, o Espírito Santo bloqueou por duas vezes os planos de Paulo de pregar na Ásia e na Bitínia, para forçar sua ida e de seus companheiros para a Macedônia (At 16.6-10). Graças a essa manifestação do Espírito, a Europa foi alcançada para Cristo e se tornou um celeiro missionário por vários anos. Paulo se deixava dirigir, como se pode ver no encontro que ele teve com os presbíteros de Éfeso em Mileto: “Agora eu vou para Jerusalém, obedecendo ao Espírito Santo”. Além de traçar o itinerário de Paulo, o Espírito não escondeu dele as prisões e o sofrimento que o esperavam (At 20.22-23).

Quando Pedro estava confuso com a visão dos animais imundos que teve em Jope e com o convite de Cornélio, o Espírito Santo deixou tudo claro e lhe disse: "Agora apronte-se, desça e vá com eles [os portadores do convite]. Vá tranquilo porque fui eu que mandei que eles viessem aqui" (At 10.20).

O fato é que, em trinta anos de missões, o evangelho alcançou os mais importantes centros urbanos do mundo e nele se estabeleceu (Jerusalém, Éfeso, Corinto, Atenas e Roma).

O missionário precisa dar abertura ao Espírito, para que ele o leve para o lugar certo no tempo certo, pois a visão do Espírito é panorâmica tanto no sentido geográfico como histórico. Ele tudo vê — vê o presente e o futuro. Ele tem agenda, tem estratégia, tem prioridade. Ele tem direito de comandar, de empurrar alguém para algum lugar.

A unidade

A consciência que a igreja primitiva tinha da presença do Espírito Santo era tão grande que Pedro disse a Ananias que ele havia mentido ao Espírito Santo e a Safira que ela havia conspirado contra o Espírito Santo (At 5.1-11). Não podia ser mais cuidadosa a carta pastoral que os apóstolos e os presbíteros enviaram aos irmãos de Antioquia, da Síria e da Cilícia: "Porque o Espírito Santo e nós mesmos resolvemos não pôr nenhuma carga sobre vocês" (At 15.28).

As plenitudes

É no livro de Atos dos Apóstolos que a expressão "cheio do Espírito Santo" aparece mais vezes em toda a Bíblia. Em duas ocasiões, fala-se de uma plenitude coletiva: "Todos ficaram cheios do Espírito Santo". A primeira foi no dia de Pentecostes (At 2.4) e a outra foi quando Pedro e João foram soltos da cadeia por falta de provas (At 4.31). As demais passagens mencionam uma plenitude individual: Pedro cheio do Espírito Santo (At 4.8), Estêvão cheio do Espírito Santo (At 6.5; 7.55), Barnabé cheio do Espírito Santo (At 11.24). Subentende-se que os sete diáconos eleitos eram como Estêvão, cheios do Espírito Santo, por causa da orientação dada pelos apóstolos (At 6.3).

A Bíblia fala em diferentes plenitudes negativas — mãos cheias de sangue, olhos cheios de adultério, casa cheia de coisas roubadas, cidades cheias de violência etc. — e outras positivas — uma tribo cheia da bênção do Senhor, lábios cheios de louvor, uma velhice cheia de vida, coração cheio de júbilo etc.

Não há mistério algum na expressão "cheio do Espírito". Plenitude significa alguma coisa cheia até entornar — talhas cheias de água, cestas

cheias de pães e peixes, vale cheio de ossos — ou alguma pessoa cheia de algum privilégio — cheia de graça, cheia de temor do Senhor, cheia de poder. Logo, plenitude do Espírito significa estar cheio da presença do Espírito, do poder do Espírito, da unção do Espírito, da direção do Espírito. O contrário da plenitude do Espírito é a plenitude de si mesmo. Paulo refere-se a certas pessoas "cheias de si" (Cl 2.18). Uma plenitude não combina nem convive com a outra.

Guardadas as devidas proporções, talvez alguém possa dizer sem mentir, sem exagerar, sem se exaltar e sem tomar o nome de Deus em vão o que o profeta Miqueias declarou ao povo de Jerusalém e de Samaria, para diferenciar-se dos falsos profetas: "Mas quanto a mim, estou cheio do poder do Espírito do Senhor, do amor pela justiça e da coragem para anunciar, sem medo, o castigo que Deus dará a Israel por causa de seus pecados" (Mq 3.8). Contudo, por uma questão de prudência e de recato, seria melhor deixar que os outros digam que algum de nós está cheio do Espírito Santo!

O traficante

Dois Simões se encontraram em Samaria. Um era Simão, o apóstolo, cheio do Espírito Santo. O outro era Simão, o mago, cheio de inveja. Quando Simão Pedro e João perceberam que os crentes de Samaria tinham sido batizados apenas no nome de Jesus e que o Espírito Santo ainda não tinha vindo sobre eles, os apóstolos lhes impuseram as mãos e eles o receberam (At 8.14-17). Embora batizado (por equívoco?), o feiticeiro não recebeu o Espírito Santo, e ele sabia que, por causa desse batismo de fogo, poderia fazer coisas muito mais fantásticas do que aquelas que fizera até então com as suas feitiçarias. Ele havia presenciado os milagres operados pelo poder do Espírito por meio de Filipe, como expulsão de demônios e curas de coxos e paralíticos. Se ele se apoderasse do Espírito, poderia alcançar poder e dinheiro. Assim, o mal convertido abriu a carteira e ofereceu aos dois apóstolos quanto dinheiro eles quisessem em troca de poder para impor as mãos sobre qualquer pessoa a fim de que ela também recebesse o Espírito (At 8.18-19).

Esse é o primeiro registro do desejo de explorar o poder do Espírito para fins profanos. É impressionante que tenha acontecido nos primeiros anos da história da igreja. A irreverência de Simão foi tão grave que dessa loucura cunhou-se a palavra *simonia*, que, segundo Simon Kistemaker, quer dizer "a compra ou a venda de um cargo eclesiástico ou a obtenção de uma promoção eclesiástica pelo oferecimento de dinheiro".



Apadrinhe uma das nossas crianças ou adolescentes e provoque mais sorrisos como esse!

WWW.REBUSCA.ORG.BR
Conheça a nossa história e participe da vida de alguém muito especial

padrinhorebusca@yahoo.com.br
+55 31.3891.3307

Há mais de 30 anos cuidando de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social.

O Espírito Santo em movimento nas Epístolas

Ninguém fala mais sobre o Espírito Santo do que Paulo em suas cartas (quase cem vezes), especialmente nas duas cartas aos Coríntios e na Carta aos Romanos. Ele é o teólogo do Espírito Santo.

Apenas no capítulo 8 da Carta aos Romanos, o apóstolo diz: *"As pessoas que vivem de acordo com o Espírito Santo têm a sua mente controlada pelo Espírito"* (v. 5); "quem não tem o Espírito de Cristo não pertence a ele" (v. 9); "se pelo Espírito de Deus vocês matarem as suas ações pecaminosas, vocês viverão espiritualmente" (v. 13); "o Espírito de Deus se une com o nosso espírito para afirmar que somos filhos de Deus" (v. 16); o Espírito de Deus nos ajuda na nossa fraqueza (v. 26); "o Espírito pede a Deus em nosso favor e pede de acordo com a vontade de Deus" (v. 27).

Paulo insiste em declarar que o Espírito vive em nós (Rm 8.11), que somos o templo do Espírito Santo (1Co 6.19), a casa onde Deus vive por meio de seu Espírito (Ef 2.22). Em duas epístolas, o apóstolo tenta nos explicar que a presença do Espírito Santo em nós é um selo, um penhor, uma assinatura, uma marca de propriedade como garantia de tudo o que a graça ainda vai fazer em nós e para nós (2Co 5.5; Ef 1.13). Na paráfrase de Eugene Peterson,

A Mensagem, lemos: "[...] a vida aqui se parece com a estada numa cabana caindo aos pedaços! Já estamos cansados disso! O que temos é apenas um vislumbre da verdadeira realidade, nosso verdadeiro lar, nosso corpo ressuscitado! O Espírito de Deus nos dá uma pitada desse sublime, dando-nos um gostinho do que está por vir. Ele põe um pouco do céu em nosso coração para que nunca desejemos menos que o céu" (2Co 5.5).

A teologia do Espírito Santo em Paulo não é uma teologia acadêmica. É uma teologia prática para o dia a dia: Se nós vivermos segundo a carne, segundo a velha natureza pecaminosa, segundo o instinto, morreremos espiritualmente; mas, se por meio do poder do Espírito Santo mortificarmos a carne, então viveremos (Rm 8.13).

É Paulo quem enumera os mandamentos negativos e os positivos em relação ao nosso procedimento quanto à pessoa do Espírito Santo. Não devemos entristecer o Espírito (Ef 4.30) e muito menos apagar (ou abafar) a sua presença e a sua atuação (1Ts 5.19). O que devemos fazer é andar no Espírito (Gl 5.16) e nos encher dele (Ef 5.18). A plenitude do Espírito não é só para a elite eclesial, mas também para os leigos, para o povo comum.



Coleção Estudos Bíblicos

Evangelize, ensine e aprimore o seu conhecimento bíblico

As revistas podem ser usadas na preparação de aulas, grupos de estudo, sermões, treinamento de líderes etc. São destinadas a professores, líderes, pregadores e a todos os interessados na edificação espiritual.



Aplicações Práticas Para a Vida Cristã

Material Todo Colorido



www.z3ideias.com.br | Televidas: 19 3464.9000

A teologia de Paulo sobre o Espírito Santo é tão prática que ele nos fala de dois canteiros: o da carne e o do Espírito. Se semearmos no canteiro da carne, vamos colher só coisas da carne (ou do instinto, ou da natureza humana), que não são nada boas: “[...] o sexo barato e frequente, mas sem nenhum amor; vida emocional e mental detonada; busca frenética por felicidade, sem satisfação; deuses que não passam de peças decorativas; religião de espetáculo; solidão paranoica; competição selvagem; consumismo insaciável; temperamento descontrolado; incapacidade de amar e de ser amado; lares e vidas divididos; coração egoísta e insatisfação constante; costume de desprezar o próximo, vendo todos como rivais; vícios incontroláveis; tristes paródias de vida em comunidade. E, se eu fosse continuar, a lista seria enorme” (Gl 5.19-21). Se semearmos no canteiro do Espírito, vamos colher só coisas do Espírito, tão boas “como frutas que nascem num pomar: afeição pelos outros, uma vida cheia de exuberância, serenidade, disposição de comemorar a vida, um senso de compaixão no íntimo e a convicção de que há algo de sagrado em toda a criação e nas pessoas. Nós nos entregamos de coração a compromissos que importam, sem precisar forçar a barra, e nos tornamos capazes de organizar e direcionar sabiamente nossas habilidades” (Gl 5.22-23).

O nome Espírito Santo aparece sete vezes na Epístola aos Hebreus. A primeira passagem refere-se aos dons do Espírito (2.4), o que já havia sido abordado mais exaustivamente na Primeira Carta aos Coríntios (12.1-11). A segunda atribui ao Espírito esta famosa exortação: “[...] se hoje vocês ouvirem a voz de Deus, não sejam teimosos como foram os seus antepassados quando se revoltaram contra ele, no dia em que eles o puseram à prova no deserto” (3.7-8). A terceira é

tremendamente solene, a qual trata daqueles que já compreenderam o evangelho e já experimentaram por si próprios o dom celestial, graças à operação do Espírito. Se abandonarem o Evangelho, “é impossível levar essas pessoas a se arrependerem de novo, pois estão crucificando outra vez o Filho de Deus e zombando publicamente dele” (6.4-6). A quarta lembra que o Espírito Santo se serve dos rígidos regulamentos do antigo sistema para mostrar que, naquela aliança, sem o sacrifício vicário de Jesus, a porta do Santo dos Santos ainda não estava aberta (9.8). Na quinta passagem, diz-se que foi por meio do Espírito eterno que Jesus se ofereceu a si mesmo a Deus como sacrifício sem defeito, para tirar as nossas culpas (9.14). A sexta afirma que o Espírito confirma a obra salvífica de Jesus, graças à qual Deus não se lembrará mais de nossos pecados (10.15-18). E a última reafirma a terceira e diz que aqueles que desprezam o Filho de Deus profanam o sangue da aliança e insultam o Espírito Santo, e portanto estão sujeitos a um castigo severo (10.29).

Nas epístolas gerais, Tiago afirma que o Espírito que habita em nós tem ciúmes quando nos tornamos mais amigos do mundo do que de Deus (Tg 4.5). Pedro diz que é pelo Espírito que fomos feitos um povo dedicado ao Pai e obediente ao Filho (1Pe 1.2) e que o Espírito repousa sobre nós (1Pe 4.14). João menciona a dádiva do Espírito (1Jo 3.24), manda tomar cuidado com aqueles que dizem ter o Espírito Santo mas são falsos profetas (1Jo 4.1-3) e lembra que “o Espírito é eternamente verdadeiro” (1Jo 5.6). E Judas afirma que as pessoas (dentro da igreja visível) que não querem saber de Deus e são dominadas por seus próprios desejos não têm o Espírito Santo (Jd 19), além de aconselhar: “Orem guiados pelo Espírito Santo” (Jd 20).

O Espírito Santo em movimento no Apocalipse

Quem escreve as cartas às sete igrejas da Ásia Menor é Jesus Cristo, aquele que é o Primeiro e o Último, que morreu e tornou a viver; aquele que, quando abre uma porta, ninguém fecha, e, quando fecha, ninguém abre; aquele por meio de quem Deus criou todas as coisas. Mas Jesus fala por meio do Espírito. É por isso que o último versículo de cada carta diz: “Portanto, se vocês têm ouvidos para ouvir, então ouçam o que o Espírito de Deus diz às igrejas” (Ap 2.7, 11, 17, 29; 3.6, 13, 22).

Mais duas vezes se faz menção ao nome do Espírito de Deus no Apocalipse. Quando uma voz do céu diz a João que escreva “Felizes as pessoas que desde agora morrem no serviço do Senhor!”, imediata-

mente depois o Espírito Santo confirma: “Sim, isso é verdade! [...] Elas descansarão do seu duro trabalho porque levarão consigo o resultado dos seus serviços” (Ap 14.13).

A última referência de Apocalipse ao Espírito Santo é um apelo ao regresso de Jesus, e ele não faz isso sozinho. São duas vezes em uníssono: “O Espírito e a Noiva dizem: ‘Venha!’” (Ap 22.17). É como se ambos estivessem pedindo a Jesus: “Leve a bom termo o seu plano na História com vistas à sua vinda e venha!”.

O Espírito Santo não está quieto nem na primeira página da Bíblia (Gn 1.2) nem na última (Ap 22.17) nem no período da história compreendido entre uma página e outra!